



Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Confira, diariamente, no blog Mercado Digital, conteúdos sobre tecnologia e inovação. Para acessar, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

jornaldocomercio.com/mercadodigital



‘Desafio é pensar soluções não óbvias para o futuro’

Situações desafiadoras, como a que o Estado está enfrentando, nos colocam diante da necessidade de repensar propósitos e ambições, no sentido do que pretendemos construir daqui para frente. Para Laura Kroeff, vice-presidente da Box1824, empresa especializada em mapear cenários para identificar movimentos, comportamentos e iniciativas que indiquem novas realidades e contextos, os gaúchos têm demonstrado a capacidade de resiliência diante das dificuldades. Combinar essa característica com a coragem para inovar e buscar possibilidades que estão em aberto neste momento é o desafio daqui para a frente. Nesta entrevista, a especialista também

fala dos futuros especulativos e de como uma mudança no nosso modelo mental pode nos levar, de fato, a mudanças mais profundas.

Mercado Digital – Como podemos preparar a cidade e o estado para enfrentar situações futuras de forma mais resiliente?

Laura Kroeff – O Rio Grande do Sul tem uma história de resiliência que é resgatada em momentos de crise, como a enchente de 1941. Somos muito adaptativos, temos muitos recursos para lidar com situações extremas, às vezes mais do que pensamos. É algo que vimos muito na pandemia. E geralmente é assim: quando a gente passa por uma coisa muito difícil na vida é que nos damos conta de que temos recursos para experimentar aquilo, e eu sinto que essa resiliência está bem latente. Agora, como ser corajoso e conseguir fazer alguma coisa de um jeito que não fizemos antes? Esse é o ingrediente-chave para estar junto com essa resiliência.

Mercado Digital – Você mencionou recentemente em uma palestra sua que um dos motivos para não termos uma economia mais regenerativa é a visão distópica do futuro. Pode explicar essa ideia?

Laura – Um autor que gosto muito, Paul Hawken, autor do li-

vro “Regeneration: Ending the Climate Crisis in One Generation”, diz que nosso cérebro não responde bem a ameaças futuras, mas reage melhor a incentivos positivos.

O ponto é que a gente, hoje, caminha seguindo a direção do futuro que a gente enxerga, mas só produzimos conteúdos sobre um futuro distópico, seja no cinema ou na literatura. A gente só consome um futuro apocalíptico. Esses teóricos afirmam que não avançamos mais rápido porque nos falta história, nos falta referência do que seria a alternativa para esse futuro distópico. Precisamos construir essas alternativas, esses futuros positivos, do que imaginamos que seja esse amanhã mais sustentável.

Mercado Digital – Como aplicar essa lógica no contexto de uma cidade ou estado que precisa se reconstruir?

Laura – Utilizamos duas metodologias: a construção do prisma de valor e a jornada de transformação. O prisma de valor ajuda a definir nosso “moonshot”, ou seja, nossa grande ambição. Já a jornada de transformação divide o processo de como alcançamos essa ambição. O que a gente chama de prisma de valor baseia-se em três pilares: resolver um grande problema, identificar a vocação do estado ou cidade e estabelecer uma ambição de longo prazo.



DIVULGAÇÃO/JC

Laura destaca importância da resiliência para reconstrução do Estado

Cada região tem suas particularidades e vocações. Por exemplo, o Rio Grande do Sul tem vocações diferentes de São Paulo ou de Santa Catarina. É a mesma coisa que a gente faz quando pensamos isso para uma organização, seja uma ONG, seja uma empresa. Então, precisamos pensar: o que faz parte da vocação do estado (é o que temos no nosso cinturão de superpoderes) e o que nos torna diferentes (é o que sabemos fazer muito bem). E aí, quando conectamos essas duas coisas: o que a gente quer resolver com as coisas que a gente faz muito bem? Como construímos uma visão de longo prazo, que a gente chama de ambição? Chamamos de ambição porque ela é mais do que uma visão.

Mercado Digital – Você

acredita que precisamos começar a pensar mais nas melhorias disruptivas?

Laura – Eu gosto muito dessa ideia (que combina vocação com ambição). Qual é o nosso moonshot? No que o Rio Grande do Sul faz dez vezes melhor? Qual é a vocação que a gente está focando e o que a gente quer fazer diferente? Para fazer isso, podemos falar de futuros especulativos também. O design especulativo vai falar exatamente disso, de como você consegue abrir a cabeça e fazer não só o óbvio, que está ali entre o utópico e o distópico, mas enxergar que outras possibilidades existem. Acho que já é um caminho importante, porque leva o nosso pensamento para lugares que não são óbvios.



Caminhamos na direção do futuro que a gente enxerga, mas só produzimos conteúdos sobre um futuro distópico, seja no cinema ou na literatura. A gente só consome um futuro apocalíptico

Caldeira está novamente de portas abertas

ALEXANDRE RAUPP/DIVULGAÇÃO/JC



A segunda-feira foi especial no Instituto Caldeira por marcar a retomada do hub de inovação depois de mais de 25 dias fechados em função das chuvas que inundaram todo primeiro andar. O recomeço está acontecendo pelo segundo e terceiro andares, que não foram atingidos.

O acesso é pela recepção voltada para a rua Frederico Mentz, 1606. As 69 empresas residentes do primeiro andar do Instituto Caldeira foram realocadas, e 200 novas posições de trabalho temporárias foram abertas.

Tá na Mesa
FEDERASUL

12 JUNHO
às 12h

Apoio:
Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

ANÁLISE DAS MEDIDAS EMERGENCIAIS PARA CONTENÇÃO DE PREJUÍZOS E RETOMADA SÓCIOECONÔMICA



ANTÔNIO DA LUZ
Economista Chefe FARSUL



LUCAS SCHIFINO
Economista e Gerente de Relações Governamentais FECOMÉRCIO



OSCAR FRANK
Economista Chefe CDL POA

